

BALADA DE AMOR AO VENTO: A ENUNCIÇÃO DO “EU FEMININO” EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E POLIGÂMICA.

Saete Valer (UFSC)

RESUMO: A narrativa *Balada de amor ao vento* de Paulina Chiziane descreve o estatuto do “eu feminino” em uma sociedade africana patriarcal e poligâmica localizada em Gaza no Sul de Moçambique. Analisamos nesta narrativa as duas dimensões consideradas mais relevantes: uma sociológica e outra literária. A dimensão sociológica marca-se pelos aspectos ligados à relação de família, da natureza e da espiritualidade, enquanto que a dimensão literária marca-se pelo aspecto lírico e dramático que, no decorrer da estória, se entrecruzam permanentemente, revelando assim um retrato de uma realidade até então pouco descortinada pelas obras literárias.

PALAVRAS-CHAVE: literatura africana; dimensão sociológica, dimensão literária.

ABSTRACT: *The narrative Balada de amor ao vento by Paulina Chiziane describes the status of a “female subject” in a patriarchal and polygamy African society sited in Gaza in the Southern of Mozambique. The work aimed at analyzing the two dimensions interrelated in the narrative: the sociological and the literary ones. The sociological dimension is marked by the aspects linked to the family relationships, nature and spirituality, while the literary dimension is constructed by the lyrical and dramatic aspects that, along with the narrative, are intercrossed by revealing a picture of a reality that is commonly less investigated by the literary novels.*

KEYWORDS: *African literature; sociological dimension; literary dimension.*

Com a narrativa *Balada de amor ao vento*, Paulina Chiziane descortina os horizontes de uma das muitas culturas africanas. De um modo geral, a autora procura descrever o estatuto do “eu feminino” em uma sociedade patriarcal e poligâmica localizada em Gaza no Sul de Moçambique, pois, de acordo com Ornellas (2006), “o Norte é uma região matriarcal, onde as mulheres têm mais liberdade, enquanto o Sul e o Centro são regiões patriarcais, extremamente machistas [...] onde a mulher, além de cozinhar e lavar, para servir uma refeição ao marido tem de fazê-lo de joelhos”.

A estrutura central da narrativa é composta pelas personagens Sarnau, Mwando e o rei de Mambone. A narração realiza-se em primeira pessoa, e é a personagem narradora, que conta a estória de sua vida. A linguagem é simples, apresenta uma estrutura sintática linear e as metáforas em muitas passagens acentuam os fatos sociológicos, bem como entrelaçam as características da paisagem local com os sentimentos que permeiam as personagens.

Dessa forma, podemos depreender dessa narrativa duas dimensões mais relevantes: uma sociológica e outra literária. A dimensão literária marca-se pelo aspecto lírico e dramático, enquanto que a dimensão sociológica marca-se pelos aspectos ligados à relação de família, da natureza e da espiritualidade.

Na dimensão literária podemos destacar o aspecto lírico, com o qual a autora faz a descrição da paisagem de forma a entrecruzá-la com os sentimentos do amor e da paixão:

Emudecemos de repente. As mãos encontraram-se. Veio o abraço tímido. Trocamos odores, trocamos calores. Dentro de nós floresceram os prados. Os pássaros cantaram para nós, os caniços dançaram para nós. O céu e a terra uniram-se ao nosso abraço e empreendemos primeira viagem celestial nas asas das borboletas. [...] a maçã era ainda verde, por isso arrepiante. Trincou um pouco e não me pareceu muito agradável; senti o doce-amargo das pevides e polpa e, lá do meu fundo, escorreu um fio de sangue que as águas do Save lavaram. Mwando deu o primeiro golpe. Os nossos sangues uniram-se. Neste momento os defuntos que estão no fundo do mar festejam, porque eu hoje sou mulher. - *Agora, Mwando, tens que agradecer à minha defunta protectora pelo prazer que acabas de te dar. Oferece-lhe dinheiro, rapé e pano vermelho.*
(CHIZIANE, 2003, p.17)

Na narração do primeiro encontro sexual entre Sarnau e Mwando, observamos a descrição dos sentimentos entrelaçados com a descrição da natureza, ou seja, a relação do amor e das sensações ligadas aos elementos da natureza (prados, pássaros, céu, terra, mar). Assim, a forma de descrição empregada pela autora consegue captar nos movimentos da natureza, na luz e nas cores da paisagem o reflexo das sensações e emoções das personagens.

Conseguimos perceber igualmente essa relação de sentimentos com os movimentos da natureza, pela descrição do pensamento de Sarnau no momento em que descobre que está grávida de Mwando:

Meu corpo chama por ele, minha alma grita por ele, meu sonho é todo ele, encontro-o em todo o lado, na verdura dos campos, no mugir das vacas, no brilho do sol, no serpentear dos peixes, no aroma das flores, no vôo das borboletas, no beijo dos pombos, até mesmo nos odores das bostas. Oh, Mwando, tu vives em mim, eu vivo por ti... Dentro de mim florescem os campos. Tudo em mim é verde. Eu sou a terra fértil onde um dia lançaste a semente. O sol, a nuvem, o vento, tudo viram. A tua semente tornou-se verde, verde verdadeiro. Na próxima colheita teremos fartura e mostraremos ao mundo como é belo o nosso amor. (CHIZIANE, 2003, p. 27- 28).

Aqui podemos observar que os fatos humanos descritos estão estritamente interligados com o conhecimento da natureza, valorizando e aproximando, dessa forma, o “humano” com a “natureza”.

Ainda na dimensão literária, podemos apontar o aspecto dramático, em que as oposições emocionais são marcadas pela beleza da natureza em oposição à profunda tristeza e o sentimento de dor e morte, que toma conta da personagem no momento em que descobre frustrado seu amor:

A manhã nasceu ornamentada de sol, com pássaros, vento fresco e borboletas coloridas. Tão igual a todas as outras desde os tempos do primeiro sol. Igual a todas as outras não, porque era a última. O sol era mais dourado, os campos perfumadíssimos, as águas de um azul ímpar e as borboletas mais garridas. Tudo mais belo, porque último. Minha jornada terminara a caminhada fora curta e salgada. [...] Lancei olhares de despedida a todas as coisas, tudo me inspirava para a partida e suspirei: quero levar aos habitantes das trevas a mais bela imagem do reino do sol. Dir-lhes-ei que abandonei o sol para ser o sal, que amo a vida, mas prefiro as trevas, o sono e o repouso [...] O lago subiu-me até aos ombros, até aos maxilares, hesitei uns instantes e reflecti rápido: vou, quero ser fantasma para atormentar esse Mwando em todas as noites de lua cheia. (CHIZIANE, 2003, p. 32).

Encontramos aqui a beleza da descrição natureza em oposição à dor e à angústia que a personagem está sentindo, pois, apesar do grande amor que a une a Mwando, este não pode tê-la como esposa. Esse impedimento decorre do fato de ele pertencer a uma família já catolicizada, cujos valores morais, contrários aos da cultura local, não permitiam a poligamia, e é essa a causa da impossibilidade de os dois viverem seu grande amor.

Observamos, assim, que a descrição dos sentimentos, tais como a alegria, a felicidade, a dor e o sofrimento mesclam-se às cores e aos elementos da natureza. Com isso, a transformação da vida dos personagens vai se entrecruzando com as transformações da natureza; se cruzam se confundem a cada momento, em um espaço físico em que e a natureza assume características humanas e com isso, personifica o todo.

É importante salientar que mesmo enquanto apontamos os aspectos líricos e dramáticos presentes na dimensão literária o estamos fazendo sobre os aspectos inseridos na dimensão sociológica, isso porque a dimensão sociológica é, em verdade, o elemento estruturador desta narrativa de Chiziane.

Dessa forma, passemos a analisar de forma mais direta os aspectos inseridos na dimensão sociológica e, com isso, observar as características que marcam as relações familiares, a relação com a natureza e a relação com a espiritualidade, fatos esses permanentemente interligados e descritos nos aspectos literários, ora dramático, ora lírico.

Na dimensão sociológica, um fato relevante é a presença de outras culturas que começam a interferir lentamente nas culturas internas como podemos observar na passagem abaixo:

[...] sentia sua devoção abalada pela paixão. Não conseguia fugir às tramas da serpente, e Sarnau arrastava-o cada vez mais para o abismo. Mas por que é que Deus não os seus filhos mais devotos, e deixa serpentes espalhadas por todo o lado, por quê? - *Mas eu quero ser padre. Dizia entre lágrimas. - Eu quero ser Padre, usar batina branca, cristianizar, baptizar...* mas ela arrasta-me para o abismo.... se o padre descobrir a minha paixão expulsa-me do colégio na frescura do entardecer tal como Adão no Paraíso. (CHIZIANE, 2003, p. 21)

Nessa passagem aparece claramente o conflito de Mwando entre o amor à Sarnau e o desejo de se tornar um membro oficial da Igreja Católica. Esse fato é reforçado quando Mwando termina o romance com Sarnau por causa da imposição da família:

– Está bem, eu digo. Não vou partir para lado nenhum. Vou casar-me brevemente com uma rapariga que os meus pais escolheram para mim [...] Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima. Eu sou Cristão e não aceito a poligamia. (CHIZIANE, 2003, p.29).

Com isso Chiaziane aponta para a interferência do Catolicismo na religião ou na cultura local, pois essa interferência na religiosidade faz com que sejam alterados valores sociais, e com isso, os costumes são modificados.

O papel da mulher como objeto de troca entre as famílias e o ritual que envolve esse acontecimento está bem definido na passagem em que descreve o pedido de casamento de Sarnau pelo rei de Mambone:

Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos governantes desta terra. O número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados. (CHIZIANE, 2003, p.36).

Bem como pela descrição de aceite do pedido de casamento à Sarnau pelo rei de Momban:

- Meu pai, minha mãe, meus avós todos os defuntos. Aceitai esta oferta, esta humilhação, que é o testemunho da minha partida. Vou agora pertencer à outra família, mas fiquem estas vacas que me substituem. Que estas vacas loblem mais almas, que aumentem o número da nossa família, que tragam esposas para este lar de modo que nunca falte água, nem milho, nem lume. (CHIZIANE, 2003, p.43).

Podemos observar pelas passagens acima o comportamento e os costumes de uma sociedade patriarcal, da qual a mulher é considerada um ser inferior e submisso por não possuir quaisquer direito ou vontade própria. Ou seja, a mulher é vista com objeto de

compra e venda no ritual matrimonial. O lobolo para os moçambicanos equivale-se aqui no Brasil colonial como o “dote”, mas enquanto na nossa cultura era a família da mulher que pagava o “dote”, naquela região era pago pela família do marido.

Destacamos também a questão que envolve os parâmetros de beleza feminina nessa cultura:

Digo-vos, porém, que cada mundo tem a sua beleza. Há os que consideram belas as mulheres de pele clara. Outros acham belas as feições harmoniosas e o caminhar elegante. Ainda há quem considere belas aquelas que transportam enormes abóboras no traseiro. É como vos digo, cada mundo tem a sua beleza. No campo é mais belo o rosto queimado de sol. São belas as pernas fortes e musculosas, os calcanhares rachados que galgam quilômetros para que em sua casa nunca falte água, nem milho, nem lume. São belas as mãos calosas, os corpos que lutam ao lado do sol, do vento e da chuva para fazer da natureza o milagre de parir a felicidade e a fortuna. (CHIZIANE, 2003, p.40-41).

Podemos notar um interessante contraste no que se refere aos valores estéticos e os conceitos de beleza para as diferentes culturas. Nesta cultura, a beleza está mais relacionada à capacidade física da mulher no desenvolvimento de atividades físicas e pesadas, bem como na habilidade de reprodutora.

A autora retrata de forma profunda, a oposição de sentimentos e dos hábitos sociais, quando descreve os fatos que envolvem o dia do casamento de Sarnau com o rei de Mambone:

Vozes de pilões abafam o cantar dos pássaros; é o grito do milho no último suspiro; é o gargalhar do estômago saudando a refeição que se aproxima. - *Sarnau, o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha.* [...] Vacas caminham, lesmas, para o sacrifício; as cabras ruminam a última erva; galos e galinhas berram na sua despedida ao sol, prepara-se o casamento do filho do rei, *Sarnau, o teu homem é teu senhor. Se ele, furioso, agredir o teu corpo, grita de júbilo porque te ama* [...] As mulheres arrumam as tranças, engomam os vestidos e as capulanas, preparam todos os ornamentos, é a manhã em que se casa o filho do rei, *escuta, mulher, o homem é o teu*

proctetor e o melhor homem é o mais desejado. Se ele trouxer uma amante só para conversar, recebe-o com um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam, aqueça a água com que se irão estimular depois do repouso, o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher. (CHIZIANE, 2003, p. 43).

A palavra do homem é “lei” e contestá-la é crime imperdoável. Como o regime familiar é patriarcal, todas as mulheres da família devem se submeter ao pátrio poder, uma vez que o homem decide sobre a vida daqueles que estão a ele “subordinados”. A poligamia se apresenta ao longo do romance como uma das características marcantes na vida e costume do povo moçambicano. Como fica evidente no excerto seguinte:

As minhas mães, tias, avós. Fecharam-me há uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o matrimónio. Falam-me de amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos. - Sarnau, fecha a tua boca, esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com a tua irmã mais nova mesmo na tua presença, fecha os olhos e não chores porque o homem não foi feito para uma só mulher. (CHIZIANE, 2003, p. 43)

Aqui, observa-se a posição oprimida da mulher no mundo autoritário, o quão a mulher, mesmo conhecendo e fazendo parte do costume da tribo, é escravizada pelo próprio marido. Além disso, a mulher é vista como ser reprodutor, que deve fazer aumentar a família, ou seja, aumentar o número de cabeças.

- Sarnau, o lar é um pilão e a mulher o cereal. Como o milho serás amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho suporta tudo, pois, esse é o preço da tua honra. [...] – Sarnau, sangue de meu sangue, nem todas as lágrimas são tristezas, nem todos os sorrisos são alegrias. Os teus antepassados fremiam de dor, mas cantavam belas canções quando partiam para a escravatura. Os mortos vestem-se de gala quando vão a enterrar. Os vivos semeiam jardins nos túmulos tal como hoje te oferecemos flores. Os condenados sorriem quando caminham para o cadafalso, mas choram quando são libertados. Sarnau, minha Sarnau, partes agora para a escravatura. (CHIZIANE, 2003, p. 43-46).

Nesta passagem, fica claro que a mulher deve, precisa ser forte como um “milharal” para suportar tudo e qualquer obstáculo na sua vida conjugal, além de ser considerada inferior pelo marido, devia obediência às ordens do seu senhor e dono, uma vez que tinha que honrar o preço pago por ela.

Enquanto a comunidade se preparava para o casamento, organizando a festa e as roupas adequadas para o evento, Sarnau recebe conselhos das mulheres mais velhas da família. Observamos nessa passagem que a pureza e a felicidade de Sarnau pelo seu casamento não a deixa entender a profundidade dos ensinamentos e dos conselhos que recebe dessas mulheres. Fica claro o antagonismo e as oposições que a autora quer imprimir: a ingenuidade do coração de noiva pelo momento de encantamento contrapondo a triste realidade da vida que a esperaria no futuro, não pelo fato de ela ser Sarnau, mas pelo fato de ela ser mulher:

-Primeira mulher do herdeiro é coisa sagrada, és uma mulher cheia de sorte. Nós estamos aqui a mais para aumentar o número de cabeças neste curral. (CHIZIANE, 2003, p. 53)

E ainda:

Meu marido está ao lado de outra mulher mesmo na minha cama, sorriem, suspiram envoltos nas minhas capulanas novas, meu Deus, eu sou cadáver, eu gelo, abre-te terra, engole-me num só trago, Sarnau, o teu homem é o teu senhor. Quando ele dormir com tua irmã mais nova mesmo debaixo do nariz, fecha os olhos e a alma, porque o homem não foi feito para uma mulher. (CHIZIANE, 2003, p. 55).

Mais uma vez, salienta-se o caráter patriarcalista: a vontade do senhor é incontestável. Nem mesmo a esposa pode contrariar seus atos, impedi-lo de ter quantas amantes quiser. Tudo está a seu alcance e direito; é ele o fecho e o detentor do poder. Podemos relacionar esses fatos a uma passagem de *Raízes do Brasil*, que “o pátrio poder é virtualmente ilimitado e poucos freios existem para sua tirania” (HOLANDA, [1936]1981, p. 49). Porém, não podemos nos esquecer que as atitudes aqui observadas são características de uma tribo da qual tudo é naturalmente permissível.

A mulher tinha que aceitar a “escravidão” como uma dádiva, pois segundo os costumes da tribo o homem não pertencia a uma única mulher, como se observa no parágrafo seguinte:

Caminhei vencida para a fogueira e aqueci a água para o banho deles [...] É o meu marido que me chama. Regressei voando, coloquei-me de joelhos perante o meu soberano, baixei os olhos como manda a tradição. (CHIZIANE, 2003, p. 55)

Essa triste realidade é também retratada no fragmento seguinte em que fica evidente como a mulher é tratada de forma humilhante nessa cultura local. Os castigos corporais, ou melhor, a violência na qual é permitida pelo marido e com permissão da tribo que é composta pelo conselho (o mais velhos). Além disso, tinha que ser a criatura mais obediente às ordens severas do marido:

Arremessou-me um violento pontapé no traseiro que me deixou estatelada no chão. Minutos depois voltei à posição inicial. Enviou-me uma bofetada impiedosa que fez saltar um dente. A minha rival assistia a tudo, coroando-me com um sorriso de troça e de triunfo. [...] Aprende a ser serva obediente e serás feliz. (CHIZIANE, 2003, p. 56)

Mais uma vez, se assim poder-se-ia dizer, a mulher não tem vez e nem voz ativa, vive uma tortura psicológica e física, pelo próprio marido e dono, uma vez que Sarnau procurava atender aos anseios carniais:

Nestes últimos tempos vejo mulheres a sucederem-se umas atrás das outras e agora somos sete. [...] Já passam dois anos que não come a minha comida, que não me oferece uma carícia. [...] Esta semana faz uma escala rotativa, dorme metade da noite com cada uma delas e, à meia-noite, vem sempre para a minha cama. (CHIZIANE, 2003, p. 72).

Ao homem tudo, a mulher nada, pois a própria cultura local exigia da mulher obediência, meiguice, que fosse serena e mansa e que entregasse a vida ao marido.

O oposto também é observado quando nos deparamos com o personagem Mwando que tem outros princípios perante o matrimônio, pois quando jovem estudou para ser padre, conheceu as leis do cristianismo. Contudo, Mwando se apaixona por Sarnau, sendo expulso do seminário. Do homem padre, a sociedade Cristã esperava e determinava que fosse penitente e recluso, devotando sua vida às preces, porém Mwando rompe com a tradição ao se envolver com Sarnau.

Mas os encontros e desencontros aconteceram nas vidas de Sarnau e Mwando, pois se casa com Sumbi por imposição dos pais que obviamente lucrariam com o casamento. Entretanto, a mulher não cumpre com o costume local, causando assim, um verdadeiro mal estar para os conselheiros que se vêem obrigados a interferir na vida conjugal do casal, uma vez que Mwando era totalmente diferente dos outros homens:

No primeiro dia da vida conjugal, a Sumbi não cumpriu com as regras. Simulando dores de cabeça, não limpou nem cozinhou para os sogros. Sentava-se na cadeira como os homens, recusando o seu lugar na esteira ao lado das sogras e das cunhadas. [...] Nos poucos dias que ela se dignou a fazer alguma coisa, o marido estava sempre ao seu lado, ajudando na cozinha, na lavagem da roupa ao seu lado, demonstrando, assim, a força do seu amor. [...] As manifestações carinhosas do marido passaram a obrigações, situação que piorou com a chegada da gravidez. [...] A situação chegou a tal ponto que Sumbi passou a exigir novas capulanas, panos brilhantes, fazendo com que Mwando, esvaziasse os celeiros da família, para satisfazer os caprichos da mulher. Para agravar ainda mais a situação de Mwando, os comentários começam a surgir indo nos ouvidos dos conselheiros da aldeia que consideraram o caso uma afronta á autoridade, ofensa à moral pública, e eles, guardiões das leis da tribo das ilustres tradições legadas pelos antepassados, moderadores da conduta da comunidade, sentiram-se na obrigação de intervir. (CHIZIANE, 2003, p.61-63).

Destaca-se com isso, o costume da tribo em interferir e controlar no cumprimento dos papéis sociais do homem e da mulher, ou seja, como as relações familiares se estabelecem e se organizam de acordo com a tradição local:

Homem que se deixa dominar por uma mulher, não merece a dignidade de ser chamado de homem, e muito menos ser considerado filho de Mambone. Não se compra uma mulher para trazer prejuízos à família, antes pelo contrário, o lobolo é uma troca de rendimentos. Mulher lobolada tem obrigação de trabalhar para o marido e os pais deste. Deve parir filhos, de preferência varões, para engrandecer o nome da família. Se o rendimento não alcança o desejável, nada há a fazer senão devolver a mulher à sua origem, recolher as vacas e recomeçar o negócio com outra família. Mulher preguiçosa não pode ser tolerada, muito menos a libertina. (CHIZIANE, 2003, p.63)

Mwando tem uma postura diferente diante do matrimônio, pois, é um Cristão e “segue” alguns princípios do Cristianismo.

- Será uma só mulher para um só homem, viverei em ti, viverás em mim, num corpo só, numa alma só, numa existência única, num mundo único, numa vida única. (CHIZIANE, 2003, p. 93)

Assim, terminado seu casamento com Sumbi e reencontrando Sarnau, a convida para viver esse amor, agora proibido. Além disso, Mwando promete tirá-la da escravatura da poligamia.

A relação conflituosa e perversa entre as diversas esposas do monarca, que vivem em um regime poligâmico, também é descrito nessa narrativa. Situação essa em que as esposas tinham que se submeter aos fatos do cotidiano mesmo contra sua vontade.

Ah, maldita vida de poligamia, quem me dera ser solteira, ou voltar a ser criança. Se a minha rainha estivesse viva, acredito que as coisas não seriam assim. Ela amava-me defendia-me. Agora sinto-me tão só. Morreu, e após sua morte muitas coisas estranhas aconteceram [...]. É claro que não vi essas cobras de que se fala, pois, quando se deram estes acontecimentos, eu estava gravemente doente, uma doença de feitiço provocada pela Phati, à esposa mais querida do meu marido. Essa mulher daria tudo para me ver morta, mas perde o seu rico tempo, os nhamussores já vaticinaram a minha sorte. Eu morrerei em terras distantes, do outro lado do mar. (CHIZIANE, 2003, p. 79).

Percebemos nessa passagem a dor e o sofrimento das mulheres que são obrigadas a uma vida de poligamia, pois em geral não há harmonia entre elas.

Outro fator relevante que permeia toda a narrativa é a relação religiosa ou espiritual que caracteriza essa cultura. É marcante a relação espiritual, ou o fenômeno mediúnico que mostra a co-existência entre “vivos” e “mortos”. Essa característica espiritual de relação permanente e contínua entre os dois planos (físico e espiritual) fundamentou todos os ensinamentos religiosos e sociais de todas as culturas antigas, presente desde os textos bíblicos, fortemente expressada na cultura Celta e transformada em mito pela cultura grega.

A prática mediúnica e a manipulação dos elementos da natureza (magia) tanto para usos positivos (cura) ou para usos negativos (doenças pela desestruturação física) nunca deixaram de ser praticados mesmo tendo sido fortemente proibidos nas culturas ocidentais por conta do apogeu dos dogmas Católicos desde o início do século IV d.C. e reforçados pela “Santa Inquisição” durante a Idade Média. Essas práticas mediúnicas bem delineadas nas culturas Africanas foram trazidas para o Brasil pelos escravos e aqui, com o passar do tempo, se misturaram às práticas mediúnicas indígenas, como descreve o capítulo II da obra de Freyre ([1933]1986):

Muitos traços de vida elementar, primitiva, tais como o medo de bicho e de monstro, outros pavores adquiridos em tempos primitivos, foram incorporados e assimilados pelos brasileiros com nenhum outro colonizador moderno, guardando em si, da ancestralidade selvagem, a tendência para acreditar em fantasmas, almas do outro mundo, duendes, por guardar em si a crença no sobrenatural, explica-se por isso o sucesso no desenvolvimento e entendimento dos estudos sobre os fenômenos espirituais espalhados, atualmente por todo o Brasil.

As características mediúnicas fortemente marcadas tanto na cultura indígena quanto na cultura africana deram as bases sólidas para que aqui no Brasil ocorresse de forma mais concreta o desenvolvimento dos estudos científicos sobre os fenômenos espirituais, caracterizando-se, atualmente, como o país que mais pesquisa e divulga a relação intrínseca presente nos fenômenos espirituais.

No decorrer da narrativa observamos o nascimento da conscientização do papel feminino nessa sociedade culturalmente poligâmica através do pensamento se Sarnau quando começa a questionar-se em relação às leis em vigor nessa sociedade:

Não me reconheço. Jurei perante deuses e defuntos que nunca cometeria adultério. Mas que mal há nisso? Todas as mulheres do meu marido fazem o mesmo. Petiscam à grande com as ndunas, pensam que eu não sei? Pobrezinhas, eu entendo, o problema delas é igual ao meu. A situação que nos obriga a cometer adultério [...]. Cometem adultério aquelas que têm marido, eu tenho apenas um símbolo. Não sou viúva, não tive nenhum aborto nem filho morto, não estou na minha fase da lua, não tenho no sexo nenhuma doença vergonhosa, o meu marido não é impotente e nem está ausente, vejo-o todos os dias, desejo-o todos os dias, mas ele vira-me as costas, tortura-me, consciência, ainda me acusa? Entreguei-me de corpo e alma a outro homem, eu amo-o, ele ama-me, amamo-nos, eu quero viver. Ele é o meu sol, meu pão, meu paraíso, ah, terrível dilema! (CHIZIANE, 2003, p. 95).

Percebemos aqui, um duelo íntimo entre a emoção e a razão. Inicia-se a conscientização por parte de Sarnau em relação às leis que regem as relações de casamento, as quais dão direito aos homens de terem várias mulheres e de as mesmas serem utilizadas como objetos de consumo e de reprodução. Nessas regras sociais estão totalmente excluídos o pensamento e os sentimentos e o desejo físico feminino. Mesmo que, em termos gerais, a relação sexual é vista como algo natural, contrariamente às culturas mais ocidentais pós catolicização, o “eu feminino”, é, por assim dizer, “apagado”. O prazer e a satisfação sexual devem estender-se somente ao papel masculino, pois mesmo que todas as esposas sejam oficiais o homem poderia escolher com qual delas teria relações sexuais, enquanto que às excluídas sexualmente não lhe é dado o direito oficial de terem amantes.

A fuga de Sarnau do reino de Mambone para viver seu grande amor com Mwando, mesmo tendo que abandonar seus filhos pequenos, marca definitivamente a mudança do pensamento feminino e aponta, com isso, novos horizontes no que se refere ao papel da mulher nessas sociedades.

Após fuga do reino com seu grande amor Mwando, Sarnau é abandonada por este. Com isso, ela se obriga a viver uma vida de marginalização e prostituição para conseguir devolver o valor com o qual ela havia sido lobolada. O fato de Sarnau ter sido lobolada por trinta e seis vacas, ela se obriga, após sua separação, a devolver ao seu ex-marido o mesmo valor com que tinha sido acertado seu casamento. Só assim ela poderia ser realmente livre, e os casamentos contratados na sua família por conta de seu dote não precisariam ser desfeitos tendo em vista que eles ocorreram por conta dos animais de seu lobolo.

Essa característica sociológica marca de maneira profunda o valor social da compra e venda da mulher, pois através do valor adquirido pela sua venda (lobolação) os homens da família poderiam lobolarem outras mulheres e com isso ampliar o clã familiar.

A análise Sociológica e literária da narrativa de Chiziane mostra a importância dessa obra para os conceitos teóricos e questionamentos sobre o papel da Literatura na contemporaneidade. Dessa forma, remetemos à Lamiere (2002), cuja obra aborda a estruturação da Literatura desde sua origem (aproximadamente três mil anos) e seu percurso no decorrer dos milênios. A autora faz uma crítica ao Scriptocentrismo¹ e aponta para o processo de construção do mito e como esse mito pode ser desconstruído.

Podemos depreender, assim, que a obra de Chiziane (2003) representa um exemplo do que a autora considera relevante para caracterizar uma literatura mais contemporânea. Em outras palavras, podemos identificar nesse romance uma literatura não mais *Etnocentrista*, isto é, não tem por autoria um escritor branco que escreve para leitores da

¹ Crítica ao Scriptocentrismo:

1 - Construção do mito: (i) Eurocêntrica: centrada na cultura ocidental; (ii) Etnocêntrica: centrada na mesma raça; (iii) Falocêntrica: centrada no pensamento masculino, com heróis masculinos, escritos por escritores masculinos.

2- Desconstrução do mito: (i) Em vez de procurar em um texto a continuidade, unidade e tradição, observar no discurso a descontinuidade, as quebras e contradições; (ii) Os elementos, idéias e conceitos considerados positivos devem ser analisados em seus aspectos negativos; (iii) O que a ideologia presente na obra trouxe, modificou ou afetou o comportamento de um grupo social; (iv) O escritor é a representação do meio em que interage. Devemos observar com isso o que torna aceitável, em uma sociedade, um discurso enquanto que o outro é excluído.

mesma raça. Encontramos sim na autoria do romance uma mulher negra que escreve para leitores de todas as raças, tendo em vista que o tema abordado pode remeter a questões sociológicas que dizem respeito a muitas raças e culturas, tanto em tempo passado como no tempo presente.

O tema desse romance rompe com a tradição do *Eurocêntrismo*, pois Chiziane transporta o leitor para Moçambique. Isso significa dizer que, de acordo com Ornellas (2006), ela retrata a vida de um Moçambique “entre tradição e modernidade; entre as territorialidades codificadas e as desterritorializações submetidas aos fluxos exteriores; entre a sociedade na qual o homem tem direito a tudo”, especialmente de ter várias mulheres, de ter outras famílias, em que ao homem é dado o direito ao prazer e a mulher é dado o dever à obediência. Dessa forma, a autora não descreve a paisagem do mundo Ocidental, especialmente os fatos Europeus, a vida dos ocidentais brancos e seus valores religiosos, seus hábitos sociais e morais. Encontramos nesse romance a descrição da dimensão sociológica de uma sociedade com costumes sociais e religiosos muito ligados a natureza. Costumes esses que podem soar muito estranhos para uma sociedade considerada “civilizada”.

Essa narrativa descreve também uma literatura oposta ao *Falocêntrismo*, isso porque não encontramos aqui um herói masculino, mas a história de uma heroína, uma mulher forte inserida em sociedade na qual a mulher mesmo abandonada, submetida e humilhada pelas leis masculinas se fortalece e luta pelo direito de abandonar seu marido protetor e viver com um homem que a ame verdadeiramente.

A autora, ao contar a estória do relacionamento entre Sarnau e Mwando, da juventude à idade madura, suas alegrias e sofrimentos, até a separação dolorosa e o reencontro, busca retratar o “conflito vivido por uma moçambicana entre o mundo moderno e o mundo tradicional, a África arcaica, seus valores eminentemente machistas em que a mulher só existe para servir ao homem e constituir seu objeto de desejo” (GONÇALVES, 2004).

Procura mostrar também a situação do feminismo negro, que de formas muito variadas, é diferente das características do feminismo branco, isso pelo fato de a história da

mulher negra ser muito mais trágica e sofrida do que a mulher branca. A mulher negra foi sempre mais massacrada e oprimida; seu papel sempre foi o de escrava, submetida sempre à vontade do homem, tanto no prazer físico, no serviço doméstico e na procriação nas sociedades patriarcais, mas nem sempre poligâmicas.

Em resumo, ao lermos o romance *Baladas de amor ao vento*, acompanhamos as personagens Sarnau e Mwando desde a juventude à idade madura. Vivemos com eles o passar do tempo, os encontros e os desencontros, a dolorosa separação, o desespero, o sofrimento e a alegria, as lágrimas e os sorrisos. Percorremos cidades e aldeias, aprendemos a tradição, os costumes e os hábitos de um povo.

A narrativa nos mostra uma jovem que conforme vai penetrando os acontecimentos da vida de acordo com seu meio, aos poucos vai se construindo como mulher. Mostra a travessia, a busca, a tentativa de construção de uma nova vida, de uma nova realidade que se apresenta também em decorrência das mudanças sociais que ocorrem paralelamente.

-Vem; trajar-te-ei com flores verdadeiras, flores belas; vestir-te-ei de renda e ornamentar-te-ei com pulseiras de miçangas, de ouro e colares de marfim; nos pés calçar-te-ei flores de cristal. Levar-te-ei para a cidade onde a vida é mais bela e civilizada. Ali não há poligamia, cada homem só tem uma mulher; as pessoas vivem em ninhos de amor e não em currais imensos; as famílias são mais pequenas e unidas. Vamos para a cidade, Sarnau, em Mambone nunca conhecerás o sol. (CHIZIANE, 2003, p. 96)

Conforme percorremos os olhos pelo romance e acompanhamos a estória dessa personagem nos emocionamos com a coragem, a determinação, o orgulho e a humildade, a firmeza e o caráter de Sarnau.

Assim, esse romance escrito pela mão feminina, constituído pelo olhar feminino, ou seja, com características de autoria feminina marca, de forma especial e emocionante, os aspectos que cruzam os elementos da natureza, os valores religiosos, a organização política e social de uma cultura e os sentimentos femininos que se esfacelam e se reconstróem continuamente em busca de uma enunciação do “eu feminino” em meio a uma sociedade de cultura patriarcal e poligâmica.

Referencias Bibliográficas

- CHIZIANE, P.. *Balada de amor ao vento*. Editorial Caminho, S A, Lisboa. 2003.
- FREYRE, G.. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro, [1933]1986.
- GONÇALVES, A.. *O feminismo negro de Paulina Chiziane*.
http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/images/Adelto_Goncalves.html. 2004.
Acesso em 11/2006.
- HOLLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora,
[1936] 1981.
- LEMAIRE R.. “Repensando a história literária”. In: HOLLANDA, H. B. de (org.).
Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco. 2002
- ORNELLAS, S.. *Paulina Chiziane e alguns sentidos do influxo africano*. Ensaios e
Resenhas. <http://www.verbo21.com.br/arquivo/64ltx3.htm>. 2006. Acesso em 11/2006.